

Release

Título do livro: A viagem de volta: ações do Movimento Intercultural Identidades em comunidades de colonização lusa.

Editora: Uma parceria da Editora Gesto, da Universidade de Porto, Portugal e da Editora da UFPE

Autor: Prof. Dra. Madalena Zaccara

Currículo: Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), bacharelado em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) mestrado (DEA) em História e Civilizações - Université Toulouse II, Toulouse, França e doutorado em História da Arte - Université Toulouse II, também em Toulouse, França, como bolsista Capes. Tem pós-doutorado pela Escola de Belas Artes da Universidade de Porto, Portugal, também como bolsista Capes. Atualmente é professor Associado III da Universidade Federal de Pernambuco. Ensina no Programa Interinstitucional de Pós Graduação em Artes Visuais UFPE-UFPB. Lidera o grupo de pesquisa cadastrado no CNPq intitulado “Arte, Cultura e Memória” que se volta para a pesquisa da História e Teoria das Artes Visuais no Brasil com ênfase para o Nordeste. Atua principalmente nos seguintes temas: História da Arte e Crítica de Arte. É membro da Associação Nacional dos Pesquisadores de Artes Plásticas (ANPAP), da FAEB (Federação dos Arte Educadores Brasileiros) e do Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade I2ADS (Porto, Portugal). É representante regional da ANPAP-Pernambuco (Associação Nacional dos Pesquisadores de Artes Plásticas). Tem vários livros, capítulos de livros e artigos publicados. Endereço eletrônico: madazaccara@gmail.com

Apresentação: Prof. Dr. José Carlos de Paiva

Currículo: Doutor em Artes Visuais pela Universidade de Porto, Portugal, onde é professor e diretor da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. É coordenador do Movimento “Identidades” da Universidade do Porto. Coordena também o doutorado em Educação Artística daquela universidade. Tem vários livros, capítulos de livros e artigos publicados. Desenvolve pesquisa sobre Estratégias de Luta e Recomposição Identitária - Impacto Sócio Cultural das Comissões Unitárias de Mulheres do Porto. Endereço eletrônico: jcpaiva@fba.up.pt / mail@jcpaiva.pt

Lançamento: 27/07, das 18:00 as 22:00 durante as atividades do V Congresso Internacional Sesc-PE de Arte/Educação. Espaço Externo da Adufpe. Universidade federal de Pernambuco.

Ficha técnica:

A VIAGEM DE VOLTA: Ações do Movimento Intercultural Identidades em comunidades de colonização lusa.

Madalena Zaccara

design gráfico | André Araújo

editores: i2ADS/FBAUP, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Portugal

UFPE, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil PE

edição:

Mais Leituras, Editora, Porto, Portugal

Maio de 2016

Onde pode ser encontrado: Por enquanto na livraria da editora da UFPE.

Apresentação do livro:

Em tempo de abril, Porto, 2016.

José Carlos de Paiva

Hoje não há dúvidas sobre a falida esperança Da última vez que estive na comunidade de Conceição das Crioulas, quando partia uma senhora me perguntou? “- Quando regressas?, sim porque o Paiva, não volta, já é daqui.”

¿Por qué resulta que ideales tan espléndidos no pueden llevarse a la práctica?

EAGLETON, Terry (1996:01)

Hoje não há dúvidas sobre a falida esperança de um mundo progressivamente melhor que a revolução francesa incendiou e as independências das colónias europeias reacenderam. Ao longo dos anos foi-se esvaziando a 'Liberté, Egalité, Fraternité' pela visão dos horrores do holocausto no seio da culta e democrática Europa, pelo aparecimento de oligarquias corruptas em muitos dos novos Países independentes, pela barbárie espalhada em tantos palcos de guerra originadas pelo saque dos recursos naturais, por posicionamentos geoestratégicos e domínios do mercado. A ganância e arrogância dos 'poderosos' não enfraquecem

nunca a sua resiliência reaccionária face aos lentos avanços da luta dos povos pobres e oprimidos.

Na Europa os sistemas políticos vigentes arreigados à defesa do capital financeiro e do domínio hegemónico do mercado globalizado, manipulando os sistemas de informação e os dispositivos de produção de opinião, congelam a democracia, condicionam os países mais pobres, naturalizam as desigualdades e a pobreza e bloqueiam possibilidades de um outro futuro.

Dentro da Europa o ambiente é de enfado perante a falência do sistema, isolando cada um na concorrência de sucesso, desnordeando as vidas e tolhendo e enegrecendo as paisagens desejadas.

Ao desaparecer a descontração, perde-se o 'dom da escuta' e desaparece a 'comunidade capaz de escutar'. Essa comunidade está nos antípodas da nossa sociedade ativa. O 'dom da escuta' assenta precisamente na capacidade de prestar atenção profunda e contemplativa, capacidade vedada ao ego hiperativo dos nossos dias.

HAN, Byung-Chul (2010:27)

O mundo está falido, tão afastados nos encontramos de nossas utopias, tão repetitivos nos tornamos no 'desenrascanço da vida', tão mergulhados nos permitimos dentro das instituições que servimos, integrando dispositivos do poder hegemónico que não consentem e diluem nossa eficácia crítica, nossa consciente e pertinente interpretação do mundo.

Impossibilitados do uso da atenção, da contemplação e da escuta, pelo afã de cada dia-a-dia, pela voracidade com que engolimos o tempo em busca de resultados imediatos, do sucesso, aspiramos silenciosamente a uma possibilidade de suspensão da vida, a uma escuta do que não somos, à contemplação do outro, a toda a possibilidade de partilha.

O 'movimento intercultural IDENTIDADES', nasceu da tentativa partilhada de suspensão do ritmo voraz de trabalho, da natureza do estudo e de discussão que a universidade estabelece, para a promoção de um tempo outro, da demora, da escuta e da contemplação. Percursos por Moçambique, pelas ilhas de Cabo Verde, pelo interior sertanejo de Pernambuco (Brasil), por aldeias portuguesas, promoveram acções e eventos, o sentir aberto de sons, cores, sabores e aromas, a cumplicidade com destinos, lutas e aspirações, medos e aflições.

... o professor não tem aqui outra actividade senão a de pesquisar e de falar — eu diria prazerosamente de sonhar alto sua pesquisa — ...
BARTHES, Roland (1978:10)

O livro de Madalena Zaccara, 'A VIAGEM DE VOLTA: Ações do Movimento Intercultural Identidades em comunidades de colonização lusa', resulta de um estudo e uma partilha dessas aventuras, que as analisa com um excelente rigor crítico e científico, revelando o seu sentido mais profundo, não o que aconteceu mas o que gera.

Entenda-se que o livro foi escrito a partir de uma pesquisa profunda do arquivo do 'Identidades', mas comporta a dimensão de conhecimento construído na partilha e no envolvimento durante um ano no colectivo, no Porto, numa deslocação a Cabo Verde e à comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas.

Este entranhamento na investigação, movimentou meu papel de orientador da pesquisa de pós-doutoramento que Madalana Zaccara efectuou na Universidade do Porto, para o de um leitor atento de suas análises, estudioso da estruturação metodológica que a historiadora soube fazer, aprendiz da sabedoria que sua escrita espelha e que possibilita uma leitura crítica não só da história do 'Identidades', mas uma leitura do sentido político que o atravessa, inevitavelmente, como a todos os movimentos interculturais, mesmo os que o escondem para simularem suas intenções.

A liberdade conceitual, imaginativa e perceptiva das práticas artísticas que envolvem a política pode abrigar um sonho para além das servidões e uma promessa de reconciliação com o humano em sua expressão maior. Sua proposta encontra-se para além das múltiplas grades com as quais o capital burocratiza e regula a arte incidindo em sua produção.

ZACCARA, Madalena (2016:32)

A escrita que se apresenta não se encerra no estudo do 'movimento intercultural', mas identifica as âncoras ideológicas que o sustentam, analisando os contextos da contemporaneidade, das teorias de arte, das identidades, do desenvolvimento que, por si, qualificam a leitura, conferem

profundidade científica e acrescentam utilidade ao desencadear de reflexões que propicia. O peso abrasador do tempo que vivemos incorpora o estudo, conferindo sentido e coerência do texto com a determinação que o exercício da crítica e da procura de caminhos outros sustenta a acção descrita e oferecida à atenção.

A escrita de Madalena Zaccara possibilita ainda ao leitor viajar, com a consciência da modernidade de Baudellaire, pelo Porto, cidade onde a autora se integrou, percorrendo suas antigas calçadas e vencendo a desigual topografia, convivendo com suas gentes e com a gente do 'movimento intercultural', com a Universidade do Porto, com as preocupações críticas do grupo de investigação em Educação Artística. Também ser transportado para as ilhas de S. Vicente e de Santo Antão, em Cabo Verde, para o MINDELO_Escola Internacional de Arte. E, ainda que apenas com o olhar possível através do relacionamento do 'Identities', com o distante Moçambique.

Do Brasil, que bem conhece, se depara com uma comunidade exemplar no discernimento político de seus problemas, e dela nos apresenta uma leitura completada pela deslocação que realiza, onde testemunha a argúcia cultural de suas gentes.

Politizadas, essas descendentes das crioulas ancestrais, apostaram, e ainda apostam, na identidade e na educação como passaporte para um futuro melhor.
ZACCARA, Madalena (2016:135)

O livro, representa um convite para uma demora na sua leitura, para através dele se configurarem possibilidades de cada um se completar, modo de conquistar na atenção ao que está fora, ao que ainda é um outro, a serenidade que nos falta, para transformar a nossa acção agonística em presentes utopias.

La confrontación agonística no pone en peligro la democracia, sino que en realidad es la condición previa de su existencia.
MOUFFE, Chantal. (2007:20)

Bibliografia citada

BARTHES, Roland (1978). Leçon. Aula. Editora Cultix, São Paulo, 1980. tradução de Leyla Perrone-Moisés

EAGLETON, Terry (1996). The Illusions of Postmodernism. Las ilusiones del posmodernismo, Editorial Paidós SAICF (1998), tradução de Marcos Mayer

HAN, Byung-Chul (2010), Mudigkeitsgesellschaft, A Sociedade do Cansaço, Relógio D'Água , Lisboa (2014), tradução de Gilda Lopes Encarnação.

MOUFFE, Chantal (2007). Prácticas artísticas y democracia agonística. Universidade Autónoma de Barcelona.

ZACCARA, Madalena (2016), A VIAGEM DE VOLTA: Ações do Movimento Intercultural Identidades em comunidades de colonização lusa, Porto, edição i2ADS/FBAUP e UFPE

Resumo-release do livro

A primeira vez que escutei falar do Movimento Intercultural IDENTIDADES foi através do meu amigo e colega do Departamento de Teoria da Arte e Expressão Artística da Universidade Federal de Pernambuco Sebastião Pedrosa. Convidava-me ele para conhecer o trabalho que estava sendo feito pelo grupo na comunidade de Conceição das Crioulas, no interior profundo de Pernambuco. Lembro que na época me interessei, mas estava envolvida com outra pesquisa e com as minhas atividades de ensino e o possível encontro, a visita à comunidade planejada por ele, não aconteceu.

Alguns anos depois fui a um congresso na cidade de Guimarães em Portugal. Naquele momento, queríamos contatar um interlocutor em Portugal para um diálogo acadêmico com o Programa Associado de Pós

Graduação em Artes Visuais UFPE-UFPB que coordenava juntamente com a Prof.^a Livia Marques.(aqui está na diagramação mal resolvido. Em outra linha, quando deve ser na mesma) Um encontro foi então intermediado pelo prof. Robson Xavier, que estava fazendo doutorado naquela cidade, com o professor da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Porto José Carlos de Paiva. Foi em um café de Guimarães que encontrei pela primeira vez o líder do Movimento Intercultural IDENTIDADES e que escutei falar mais demoradamente sobre o movimento.

Um ano depois nós o convidamos para o “II Diálogos Internacional em Artes Visuais”, evento promovido pelo PPGAV, onde Paiva dialogou com a professora da Universidade Federal da Bahia Maria Virginia Gordilho (Viga Gordilho). Cada um expôs sua pesquisa que tinham pontos tangenciais em arte-educação. O IDENTIDADES e suas intenções foi o tema de Paiva e, naquele momento, eu realmente me interessei pelo movimento. Minha licença sabática (Pós-doutorado), me deu a oportunidade de ir mais fundo e pesquisar em Porto a documentação, espaços e ações do IDENTIDADES. Lá trabalhei durante um ano contando (é preciso ressaltar) com a subvenção da CAPES em forma de uma bolsa para um pós-doutorado sênior. Neste ano tornei-me parte do grupo, viajei com ele e sobre ele escrevi. Foram vários textos. Esse livro reúne-os e relata mais amplamente esta experiência.

O objetivo desta publicação que amplia as relações entre a Universidade de Porto e a Universidade Federal de Pernambuco através da GESTO e da Editora da UFPE é analisar a arte contextual (ou relacional, para alguns autores) praticada pelo movimento bem como minhas impressões pessoais sobre os espaços que percorri no propósito de registrar as ações do IDENTIDADES. O relato pretende contar a história do grupo, mas também a emoção da experiência para além do documento. Não podia

deixar de assim ser, se quero falar sobre uma forma de arte que pretende o espaço social como suporte e a sensibilização como meio.

Sobre arte relacional

Apesar das transformações pelas quais passou a arte na modernidade e na pós-modernidade poucos são aqueles que compreendem o sentido ou o significado da maneira de fazer arte denominada de “Arte Relacional” ou “Arte Contextual” ou qualquer outro termo que seja empregado para denominá-la. De uma maneira geral, com mais ou menos informações, associamos a arte às suas formas mais conhecidas, mesmo que elas não se limitem mais às suas formas tradicionais, não se restrinjam a espaços expositivos conhecidos, ou estejam mais ligadas ao resultado de algumas pesquisas de Marcel Duchamp na modernidade.

Essa forma de fazer arte pode ser compreendida como um fazer artístico estreitamente ligado com a realidade, com as coisas concretas. A arte para os artistas contextuais deve ser íntima das coisas do dia a dia e se produzir voltada para o contexto, termo que designa um conjunto de circunstâncias onde um fato está inserido. Um artista relacional opta pelo contato direto com a realidade, sem intermediações ou intermediários. Ele tem como suporte um universo social, político e econômico aonde o artista vai se inserir e atuar.

A história de seu nome nos remete, de acordo com Paul Ardenne ao manifesto, muito pouco divulgado, “L’Art comme art contextuel” publicado pelo artista polonês Jan Swidzinski em 1976. Ainda segundo Ardenne a única publicação que abordou esta proposta, na época, foi a revista canadense *Inter Art Actuel* dirigida por Richard Martel. Sob uma perspectiva histórica a filosofia dessa arte relacional ou contextual nos leva, como precursor, até Gustave Courbet que, no século XIX, propunha que a arte fosse um espelho de sua época e de sua realidade. Uma

maneira de expressão artística bem distante da idealização presente no espírito clássico inspirado em Wickelmann.

A partir dessa necessidade do real o artista contextual vai se utilizar de sua sensibilidade como uma ferramenta para uma aproximação e interação com um fazer arte onde se processe uma contaminação entre o estético e o político. Jacques Rancière, sem perder de vista o horizonte histórico das grandes desilusões modernas, revê os fundamentos críticos das relações possíveis entre estética e política. A partilha do sensível por ele proposta é uma constatação do poder político que as práticas artísticas podem deter e cabe ao artista relacional, através de ações micropolíticas, se contrapor à uma visão política tradicional e preferir os seres reais à abstrações.

Na arte relacional é visível a tentativa de embaralhar arte e vida. Segundo Nicolas Bourriaud , ela mantém como alicerce teórico a esfera das interações humanas. Dessa forma, o artista contextual não existe sem a sociedade. Essa pulsão participativa do artista comanda “os engajamentos pontuais, políticos ou éticos” além de uma atenção permanente ao que está acontecendo na atualidade. Afinal, sua matéria prima é a vida.

Sobre o Movimento Intercultural IDENTIDADES

A prática artística do coletivo português IDENTIDADES inscreve-se entre as ações de caráter micro político. O seu interesse intercultural, pelo outro implica na ideia de uma produção artística que tem identidade e alteridade, como matéria prima. O movimento, apesar de ter origem em um país de passado colonialista, faz o caminho de volta e gera assim uma (re) conceitualização da palavra utopia: uma atualização de sentido. Uma utopia necessária, pois, afinal, a sua ausência em qualquer momento é uma falha social. Uma falha para com a esperança.

Atuando em comunidades situadas em três espaços geograficamente distintos e com características específicas o IDENTIDADES mobiliza artistas, professores e estudantes de arte que, fora do seu espaço de conforto, buscam através da reflexão partilhada interagir nestes três espaços sociais. A partir de Porto, como já foi dito anteriormente, ele se relaciona com Moçambique, Cabo Verde e Conceição das Crioulas, comunidade quilombola no Nordeste do Brasil. O IDENTIDADES é constituído por indivíduos que se congregam em um grupo não homogêneo tanto no que diz respeito a objetivos pessoais como à forma de criação e expressão. Eles têm em comum o interesse pelo resgate de um perfil de identidade cultural fragmentado, destruído ou em processo de destruição; procurando dessa forma um sentido para a ação artística e estabelecendo vínculos relacionais adequados aos interesses das comunidades em que atuam.

É nesse terreno intercultural, “onde a história confere posturas próprias e um tempo particular perante o contemporâneo”, que os membros do grupo se assumem enquanto artistas e enquanto cidadãos. A arte devia preparar ou anunciar um mundo futuro, afirma Bourriaud . É neste futuro que se inserem as propostas e esperanças do movimento. Para seus membros pode – se abrigar um sonho para além das servidões e uma promessa de reconciliação com o humano em sua expressão maior. As ações artísticas de grupos como este procuram construir e realizar modelos de ação dentro da realidade existente e que tenham como objetivo maior fazer a diferença. Partem do princípio de que é possível imaginar um mundo melhor e de fazer algo para concretiza-lo.

Qual o objetivo do livro. Como se fosse uma conclusão

Desde o início do século XX, numerosos artistas e coletivos de artistas abandonaram o território do idealismo, rejeitaram as formas tradicionais de representação e desertaram dos espaços institucionais habituais para

mergulhar no universo do concreto, do real. A realidade tornou-se para eles a preocupação primordial e o criador se transformou em um ator social, frequentemente perturbador. Sua obra passou a adotar uma relação direta com o mundo muitas vezes militando contra a alienação social.

A arte em contexto real se define como uma arte de ação que a aproxima da vida. Feita em circuitos não convencionais ela desce à arena do comum e objetiva o “estar junto” através do sentimento de reconfigurar e compartilhar o sensível o que acentua seu caráter participativo e político redefinindo a relação entre estética e política própria das vanguardas do início do século XX. O desafio pós-moderno é (re) analisar as metamorfoses da relação arte & vida **através do “jogo de intercâmbios e deslocamentos entre o mundo da arte e da não-arte”** que se processaria na arte relacional” uma vez que o artista abandonou, nesse processo de criar, a clássica função de representar a sociedade para propor formas possíveis de sociabilidade.

Em um processo artístico cujo espaço é o da interação, da abertura ao diálogo e da vivência configuram-se propostas para produzir coletivamente em “lugares onde se elaboram socialidades alternativas, modelos críticos, momentos de convívio construído” . Artistas viajantes, oficinas feitas em comunidades, obras como documentos, dispositivos relacionais são algumas das designações para essas propostas artísticas. Através de ações micropolíticas elas visam retomar a ideia de utopia tão cara as vanguardas históricas.

O mundo, porém, em um processo transformação cada vez mais rápido, vai mudar o conceito de utopia. A utopia contemporânea é animada pela vontade de transformar o mundo a partir de uma análise crítica da realidade. Ela é um desafio para a necessidade humana de esperança. Seguindo a linha de reflexão de Ernst Bloch a utopia não é algo

fantasioso, ela possui uma base real visando uma reestruturação, procurando mudanças, objetivando uma nova sociedade. Ela seria viável à medida que puder ser realizada coletivamente mesmo que voltada para um único contexto específico.

Uma (re) conceitualização da noção de utopia, despida de toda a carga negativa que lhe foi sendo incorporada após as vanguardas modernas, se faz necessária uma adaptação a um presente que necessita de ser repensado em termos de desejo de mudança. A partir disso, de sua clarificação contemporânea surge por ela um interesse novo. Afinal como nos recorda Zygmunt Bauman : “para tornar ainda mais complexas as agruras atuais e as perspectivas de soluçona-las, vivemos também uma época de privatização da utopia e dos modelos do bem”. Esta nova forma de pensar a utopia é, portanto, esperança.

A prática artística do coletivo português IDENTIDADES inscreve-se entre as ações de caráter micro político e contempla essa nova maneira de abordar a utopia. O seu interesse intercultural, pelo outro implica na ideia de uma produção artística que tem identidade e alteridade, como matéria prima. Ao longo de sua história, que ora contabiliza dezessete anos de atividades seu caminho de volta às comunidades de colonização lusa parte de uma visão mais generosa, mais sensata e mais ética de mundo. A liberdade conceitual, imaginativa e perceptiva das suas práticas artísticas se propõe a uma promessa de reconciliação com o humano em sua expressão maior construindo e realizando modelos de ação dentro da realidade existente e que tenham como objetivo maior fazer a diferença. Ao tomar essas comunidades como campo do fazer artístico o Movimento Intercultural IDENTIDADES visa a desconstrução da subalternidade buscando outras modulações para as noções de periferia e centro, atrasado e desenvolvido, subalterno e dominante, colonizador e colonizado.

A arte, devemos lembrar, pode ser o último reservatório do imaginário a escapar de ser incorporada/apropriada pelo sistema. A arte relacional ou contextual a qual se propõe o movimento analisado transforma o artista em participante da história imediata. Esse engajamento, essa forma de criar imbricada com a realidade não visa o sublime ou o transcendente. Afinal Courbet não pintava os anjos que ele não via.